

**Corpos em Concerto:
diferenças, desigualdades e desconformidades**
**Cuerpos en Concierto:
diferencias, desigualdades y desconformidades**

Jonatas Ferreira
Adrián Scribano
Editores/Compiladores

2011

Editora
Universitária  UFPE

AUTORES

Adrián Scribano é investigador independente do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET); coordenador do Programa de Estudios de Acción Colectiva y Conflicto Social do Centro de Estudios Avanzados, Unidad Ejecutora do CONICET na Universidad Nacional de Córdoba, Argentina. Coordenador do Grupo de Estudios Sociales sobre los Cuerpos y las Emociones, do Instituto de Investigaciones Gino Germani da Universidad de Buenos Aires, Scribano conta com ampla produção acadêmica nas áreas de sociologia do corpo e das emoções. E-mail: adrianscribano@gmail.com.

Carolina Ferrante é formada em Sociologia pela Universidad de Buenos Aires (UBA) e doutoranda em Ciencias Sociales na mesma instituição. Bolsista do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) no Instituto de Ciencias de la Rehabilitación y el Movimiento (ICRM), na Universidad Nacional de San Martín (UNSAM), ela investiga questões relacionadas ao corpo, deficiência física e práticas esportivas. Dentre suas publicações podemos mencionar: Ferrante, Carolina y Ferreira, Miguel Angel V. (2009), “El habitus de la discapacidad: la experiencia corporal de la dominación en un contexto económico periférico”. *Política y Sociedad*, Vol. 46, No. 3; Ferrante, Carolina y Miguel Angel V. Ferreira (2008), “Cuerpo, discapacidad y trayectorias sociales: Dos estudios de casos comparados”. *Revista de Antropología Experimental*, No. 8; Ferrante, Carolina (2008), “Corporalidad y temporalidad, fundamentos fenomenológicos de la teoría practica de Pierre Bourdieu”. *Nómadas: Revista crítica de ciencias sociales y jurídicas*, Vol. II, No. 20; Ferrante, Carolina (2008), “Cuerpo, discapacidad y posición social: una aproximación indicativa al habitus de la discapacidad en Argentina”. *Intersticios: Revista sociológica de pensamiento crítico*, Vol. 2, No. 1. E-mail: caferrante@gmail.com.

Cynthia Lins Hamlin é professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE. Doutora em Pensamento Político e Social pela Universidade de Sussex, Inglaterra, seus principais temas de pesquisa incluem Teoria Social,

Metodologia das Ciências Sociais e Epistemologia Feminista. Entre suas principais publicações destacam-se: Hamlin, Cynthia (2002), *Beyond Relativism*. Raymond Boudon, Cognitive Rationality and Critical Realism. Londres e Nova York, Routledge; Hamlin, Cynthia e Brym, Robert (2006), “The Return of the Native: A Cultural and Socio-Psychological Critique of Durkheim’s Suicide based on the Guarani-Kaiowá of South-Western Brazil”. *Sociological Theory*, Vol. 24, No. 1. Brym, Robert; Lie, John, Cynthia Hamlin, Remo Mutzenberg, Eliane Veras Soares, Heraldo Souto Maior (2006), *Sociologia: Sua Bússola para um Novo Mundo*. São Paulo, Cengage; Hamlin, Cynthia (2008), “Ontologia e gênero: realismo crítico e o método das explicações contrastivas”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 23. E-mail: cynthiahmlin@hotmail.com.

Erliane Miranda é doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco, bolsista Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), membro do grupo Ciência, Tecnologia e Sociedade e colaboradora do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos do Hospital Oswaldo Cruz. Atualmente pesquisa reflexividade e consumo de psicofármacos. Entre suas publicações, mencionamos: Miranda, Erliane e Marcelo Pelizzoli (2008), “Melhorado geneticamente, patentado e ameaçado: cuidado de si e dignidade humana em tempos biotecnológicos”. *Revista Veritas*, Vol. 53; Erliane Miranda e Raphael Douglas Tenório Filho (2007), “Da eugenia à algenia e o paradigma bioético”. In Marcelo Pelizzoli (org.). *Bioética como novo paradigma*. Petrópolis, Vozes. E-mail: erliane@yahoo.com.

Gabriela del Valle Vergara é licenciada em Sociologia pela Universidad Nacional de Villa María, mestra em Ciencias Sociales pela Universidad Nacional de Córdoba e doutoranda em Ciencias Sociales pela Universidad de Buenos Aires. Bolsista do CONICET, ela investiga temas relacionados a pobreza, trabalho, corpos e percepções. Entre suas publicações, encontramos: Scribano, Adrián y Gabriela Vergara (2009), “Feos, sucios y malos: la regulación de los cuerpos y las emociones en Norbert Elías”. *Revista Caderno CRH*, Vol. 22, No. 56; Vergara, Gabriela (2009), “Conflicto y emociones. Un retrato de la vergüenza en Simmel, Elías y Giddens como excusa para interpretar prácticas en contextos de

expulsión”. In Figari, C. y A. Scribano (comps.), *Cuerpo(s), Subjetividad(es) y Conflicto(s). Hacia una sociología de los cuerpos y las emociones desde Latinoamérica*. Buenos Aires, Centro de Integración, Comunicación, Cultura y Sociedad/ Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CICCUS/CLACSO). E-mail: gabivergaramattar@gmail.com.

Glauber Lemos é mestrando em Sociologia no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Brasil. Rua da Matriz, 82, Botafogo, 22.260-100, Rio de Janeiro-RJ, Brasil. E-mail: glauber.lemos@gmail.com.

Graciela Magallanes é mestra em Educação Superior pela Universidad Nacional del Comahue, doutoranda em Ciências Sociais pela Universidad de Buenos Aires e Professora Associada em Metodología de la Investigación Social del Instituto Académico Pedagógico de Ciencias Sociales, Universidad Nacional de Villa María. Entre suas publicações, podemos citar: Graciela Magallane, C. Gandía, F. Llorente, A. Peano e R. Cena (2010), *El Humor en tiempos de crisis. Acerca de su placer, disfrute y goce*. Buenos Aires, Ediciones Ciccus; Magallanes, Graciela (2009), “Los placeres y sus vicisitudes”. *Intersticios: Revista sociológica de pensamiento crítico*. Vol. 3, No. 2; Magallanes, Graciela (2009), “Los surcos de las experiencias placenteras en la vida escolarizada y no escolarizada”. In Adrián Scribano y Carlos Figari (orgs.) *Cuerpo(s), Subjetividad(es), Conflicto (s)*. Hacia una sociología de los cuerpos y las emociones desde Latinoamérica. Buenos Aires, CICCUS/CLACSO. E-mail: magallanesg@yahoo.com.

Jonatas Ferreira é professor adjunto do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Inovação Terapêutica da Universidade Federal de Pernambuco, bolsista do CNPq e coordenador do grupo Ciência, Tecnologia e Sociedade. Doutor em Sociologia pela Lancaster University, Inglaterra, foi durante oito anos editor da revista *Estudos de Sociologia*. Seu campo de interesses acadêmicos compreende o estudo das novas tecnologias da vida, a exemplo das técnicas de recombinação genética, nanobiotecnologia, produção de fármacos, além de temas relacionados à sociologia do corpo. Nesse campo amplo, tem publicado no Brasil e no exterior. E-mail: ferjonatas@gmail.com.

Jorge Ventura de Morais é professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. PhD em Sociologia pela London School of Economics (Reino Unido), investiga atualmente temas relacionados à sociologia do futebol. Entre suas publicações recentes, encontram-se: Morais, Jorge V. e Túlio V. Barreto (2008), “As Regras do Futebol e o Uso de Tecnologias de Monitoramento”. *Estudos de Sociologia*, Vol. 14; Morais, Jorge V. e Túlio V. Barreto (2009), “La Regla del Fuera de Juego y la Dinámica del Fútbol: un Análisis a Partir de la Sociología Figuracional”. In Carina V. Kaplan & Victoria Orce (orgs.). *Poder, Prácticas Sociales y Proceso Civilizador: los Usos de Norbert Elias*. Buenos Aires, México (DF), Editora Noveduc. E-mail: venturademorais@gmail.com.

Juan Pablo Aranguren Romero é formado em Psicologia pela Universidad Nacional de Colombia, historiador pela Pontificia Universidad Javeriana, mestre em Antropología Social y Política e doutorando em Ciencias Sociales pela Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Argentina. Bolsista do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas no Museo de Antropología da Universidad Nacional de Córdoba, Argentina, e investigador do Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Romero é autor de diversos artigos sobre corpo, subjetividade, memória, guerra e sofrimento. E-mail: pablo.aranguren@conicet.gov.ar, arangurenjuanpablo@gmail.com.

María Belén Espoz Dalmaso é licenciada em Comunicación Social e doutoranda em Semiótica pelo Centro de Estudios Avanzados-Unidad Académica (CEA-UA) da Universidad Nacional de Córdoba (UNC). Bolsista de pós-graduação do CONICET, integrante do Programa de Estudios de Acción Colectiva y Conflicto Social do CEA- Unidad Ejecutora do CONICET (CEA-UE) e Profesora Ayudante da cátedra de Antropología Sociocultural da Escuela de Ciencias de la Información da UNC. Entre suas publicações recentes, encontram-se: Espoz, María Belén, Cecilia Michelazzo y Patricia Sorribas (2010), “Narrativas en conflicto sobre una ciudad socio-segregada. Una descripción de las mediaciones que las visibilizan”. In Adrián Scribano e Eugenia Boito (orgs.) *El purgatorio que no fue. Acciones profanas entre la esperanza y la soportabilidad*. Buenos Aires,

CICCUS/CLACSO; Espoz, M. (2010), “Crear umbrales para explotar los límites de las ‘ciudades-barrio’: sensaciones y vivencias de jóvenes que habitan “Ciudad de mis Sueños””. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção (RBSE)*, Vol. 9, No. 26; Espoz, M. (2009), “La Ciudad y las ciudades-barrio: tensión y conflicto a partir de una lectura de la producción mediática de miedos en el marco de espacios urbanos socio-segregados”. *Revista RELACES*, No. 1. E-mail: belenespoz@yahoo.com.ar

Maria Ester Lima Oliveira é doutoranda em Sociologia pelo Programa de Pós- Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco e mestra em Sociologia pelo mesmo Programa. Bolsista do Conselho de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pesquisa atualmente cultura corporal em homens de diferentes perfis socioeconômicos na cidade do Recife. E-mail: mester6@gmail.com.

María Eugenia Boito é doutora em Ciencias Sociales, pela Universidad de Buenos Aires. Pesquisadora Assistente do CONICET, co-coordenadora do Programa de Acción Colectiva y Conflicto Social, Professora Adjunta encarregada do Seminario de Cultura Popular y Cultura Masiva na Escuela de Ciencias de la Información e Professora Adjunta en Comunicación y Trabajo Social na Escuela de Trabajo Social, Universidad Nacional de Córdoba. Entre suas últimas publicações, destacamos: Adrián Scribano y María Eugenia Boito (orgs.) (2010), *El purgatorio que no fue*. Acciones profanas entre la esperanza y la soportabilidad. Buenos Aires, Ciccus; Adrián Scribano e María Eugenia Boito (2010), “*La ciudad sitiada*: una reflexión sobre imágenes que expresan el carácter neocolonial de la ciudad”. *Revista Actuel Marx Intervenciones*, No. 9. E-mail: meboito@yahoo.com.ar.

Micheline Dayse Gomes Batista é formada em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco e mestra em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. Como jornalista, integra a equipe do Caderno Economia do Diário de Pernambuco, dedicando-se a temas relacionados às novas tecnologias de informação e comunicação. E-mail: micheline.batista@gmail.com.

Mauro Guilherme Pinheiro Koury é doutor em Sociologia e professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba, onde coordena os grupos de pesquisa GREM – Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções – e GREI – Grupo Interdisciplinar de Estudos em Imagem. E-Mail: maurokoury@gmail.com.br.

Roberta de Sousa Melo é doutoranda em Sociologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: meloufpe@gmail.com.

Túlio Velho Barreto é pesquisador da Diretoria de Pesquisas Sociais da Fundação Joaquim Nabuco, Brasil, onde se dedica a temas relacionados ao futebol e ao uso de tecnologias de monitoramento. Suas publicações mais recentes são: Morais, Jorge V. e Túlio V. Barreto (2011), “The Flexibility of Football Rules and the Dynamics of the Game: a Figural Analysis of the Offside Law”. *Soccer & Society*, Vol. 11, No. 1 (no prelo); Morais, Jorge V., Túlio V. Barreto e Simone Magalhães de Brito (2011), “Regras do Jogo vs. Regras Morais: Para uma Teoria Sociológica do *Fair Play*”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (no Prelo). E-mail: tuliovelho@uol.com.br.

Victoria D’hers é licenciada em Sociologia pela Facultad de Ciencias Sociales da Universidad de Buenos Aires (UBA) e bolsista de doutorado do CONICET no Instituto de Investigaciones Gino Germani, Facultad de Ciencias Sociales, UBA. Seus interesses acadêmicos estão voltados para os estudos sociais dos corpos e das emoções, e para a sociologia ambiental. Entre suas publicações, destacam-se: D’hers, Victoria (2009), “En cuerpo (y) alma.” *Revista Intersticios*, Vol. 3, No. 2; “Reflexión en torno a la relación enfermedad-contaminación. Hacia la emocionalidad.” *Boletín Onteaiken*, No. 8; “Exclusión. Discurso del cuerpo/en el cuerpo/sobre el cuerpo... ¿A pesar del cuerpo?” In Julio Mejía Navarrete (org.) *Sociedad, Cultura y Cambio en América Latina*. Universidad Ricardo Palma, Perú. E-mail: victoriadhers@yahoo.com.ar.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
UN ANÁLISIS SOCIOLÓGICO DE PRÁCTICAS DISCRIMINATORIAS HACIA LAS PERSONAS CON DISCAPACIDAD A PARTIR DE LAS CATEGORÍAS DE LO NORMAL Y LO PATOLÓGICO	25
<i>Carolina Ferrante</i>	
REGRAS E CÓDIGOS DE CONDUTA MORAL E ÉTICA: um passeio pelo imaginário urbano e pelas vivências, reflexões e comparações sobre a noção de sujo de homens comuns de classe média no Brasil Urbano do século XXI	51
<i>Mauro Guilherme Pinheiro Koury</i>	
NOTAS ACERCA DO ESTATUTO DA PELE CORROMPIDA	81
<i>Roberta de Sousa Melo</i>	
NEGRO DE MIERDA, GEOMETRÍAS CORPORALES Y SITUACIÓN COLONIAL	97
<i>Adrián Scribano e María Belén Espoz</i>	
EL CUERPO SUFRIENTE DEL MERCADO: “Sweat the Fat” ...	127
<i>Juan Pablo Aranguren Romero</i>	
ASCETISMO E CULTURA CORPORAL	139
<i>Maria Ester Lima Oliveira</i>	
LAS REPRESENTACIONES ACERCA DEL CUERPO	155
<i>Graciela Magallanes</i>	

O SECOND LIFE E A VIVÊNCIA DO “SEGUNDO CORPO” <i>Micheline Dayse Gomes Batista</i>	179
TREINAMENTO DE TÁTICAS COLETIVAS E DISCIPLINAMENTO DOS CORPOS NAS CATEGORIAS DE BASE DO FUTEBOL: uma Análise das Práticas Sociais de Aquisição de Técnicas Futebolísticas <i>Jorge Ventura, Túlio Velho Barreto e Glauber Lemos</i>	201
CONSUMO DE PSICOFÁRMACOS: entre o cuidado consigo e a sintetização da catarse <i>Jonatas Ferreira e Erliane Miranda</i>	227
BASURALES Y DISCRIMINACIÓN. Cuerpos y Justicia Ambiental <i>Victoria D’hers</i>	249
TRAMAS CORPORALES, PERCEPCIONES Y EMOCIONES EN LAS MUJERES RECUPERADORAS DE RESIDUOS DE CÓRDOBA (Argentina) <i>Gabriela del Valle Vergara</i>	273
CORPOS-TEXTO: a Colonização do Sexo pelo Gênero na obra de Judith Butler <i>Cynthia Lins Hamlin</i>	319
LA TAUTOLOGÍA DEL SOLIDARISMO EN EL BICENTENARIO: “Argentina abraza a Argentina” <i>María Eugenia Boito</i>	333

INTRODUÇÃO

O tema do corpo está inextricavelmente ligado à história do pensamento ocidental. E, no entanto, essa ligação opera-se como algo que permanece impensado, algo sempre pressuposto e nunca trazido resolutamente à luz como questão prioritária. Assim como ocorre com o animal - que na história da metafísica é sempre o impensável a partir do qual uma essência humana se destaca, ganha sentido e contorno -, o corpo surge no ocidente como metáfora da organização política, estética, de coerência interna de um sistema de argumentação etc., porém ele nunca é explicitamente visado. Ao falar da especificidade do ser humano como ser da fala, como ser político que decide entre o justo e o injusto, por exemplo, Aristóteles o diferenciara do animal, da condição eminentemente corpórea deste. Neste conhecido momento da *Política*, uma imagem fundamental da ordem política lhe ocorre: “Ademais, a cidade é, por natureza, anterior à família e a cada um de nós tomados individualmente. É, com efeito, necessário que o todo seja anterior à parte; pois, uma vez destruído o corpo inteiro não haveria mão nem pé, a não ser por homonímia” (ARISTÓTELES, 1253a-1253b). Algo curioso acontece no recurso a esse tipo de tropo, todavia. Ora, o emprego da metáfora resulta em um deslocamento do sentido daquilo que, em princípio, deveria elucidar, prometendo acesso a um significado que, afinal, permanece suspenso, uma promessa.

Os exemplos do corpo como metáfora da ordem poderiam se multiplicar. A cultura que corresponde ao ocaso da Idade Média, para a qual ainda há um lugar próprio para cada coisa e criatura, concebe o mundo também a partir dessa imagem. “A terra é como um corpo cuja parte mais nobre é o rosto. [...] É evidente que só podemos habitar a parte superior do universo, ‘a dianteira da terra’, ou seja, a parte que está voltada para a ‘dianteira do céu’. [...] O hemisfério de baixo estaria, de algum modo, ‘estragado’, corrompido, pois foi nele que Satã se enfiou como ponto final da queda” (KAPPLER, 1994, p. 32). Ai de nós, criaturas do sul!

A ideia de um corpo político e social é ainda a base da concepção hobbesiana de governabilidade. Nas primeiras linhas do famoso livro, Hobbes nos propõe: “Pois por arte é criado aquele grande *Leviatã* chamado *bem comum*, ou o *Estado* (em latim, *Civitas*), que é apenas um homem artificial, apesar da estatura e força maiores que o natural, para cuja defesa e proteção ele foi concebido; e no qual a soberania é a alma artificial, como que dando vida e movimento a todo o corpo; os magistrados e outros funcionários da judicatura e execução, juntas artificiais; recompensa e punição [...] são os nervos [...]”¹. O modelo de coesão social e política proposto por Hobbes, a capacidade de produzir unidade a partir da diferenciação orgânica, é, por seu turno, frequentemente mobilizado pelo positivismo francês quando este procura explicar fenômenos sociais. É evidente que poderíamos afirmar que, de um modo ainda mais explícito, o corpo é preocupação central do darwinismo social, da criminologia lombrosiana, de uma antropologia que busca explicações para a cultura na ideia de raça. Nesse caso, porém, o campo das ciências sociais reduz o corpo à sua condição de fenômeno biológico. Seriam nossos corpos apenas um produto orgânico, natural, biológico?

Em contraposição a esse tipo de formulação, o corpo que surge na obra de Gilberto Freyre, na década de 1930, é prenhe de significados culturais, signo fundamental que teremos de descolonizar, que teremos de livrar de certo determinismo biológico, para nos capacitarmos a compreender a especificidade da civilização portuguesa nos trópicos. É precisamente o biologismo, portanto, que Freyre (1999, p. xlvii) terá de superar para compreender o lugar do corpo na economia e cultura colonial, como o mostra a seguinte passagem de *Casa Grande e Senzala*: “Vi uma vez, depois de mais de três anos maciços de ausência do Brasil, um bando de marinheiros nacionais – mulatos e cafuzos – descendo não lembro se do *São Paulo* ou do *Minas* pela neve mole do Brooklyn. Deram-me a impressão de caricaturas de homens. E veio-me à lembrança a frase de um livro de viajante americano que acabara de ler sobre o Brasil: “the fearfully mongrel aspect of most of the population”². A miscigenação resultava naquilo. Faltou-me quem me dissesse então, como em 1929

¹ Disponível em <http://oregonstate.edu/instruct/phl302/texts/hobbes/leviathan-contents.html>; acessado em 30 de setembro de 2010.

² Traduzimos livremente: “o aspecto medonhamente vira-lata da maioria da população”.

Roquette-Pinto aos arianistas do Congresso Brasileiro de Eugenia, que não eram simplesmente mulatos ou cafuzos os indivíduos que eu julgava representarem o Brasil, mas cafuzos e mulatos doentes”. O corpo como chave de indagações sobre a sociedade é um *tópos* recorrente nas ciências sociais (clássicas e contemporâneas), e na latinoamericana em particular.

O *status* helicoidal e mobesiano do corpo na constituição da sociedade e da subjetividade não apenas teve impacto nas reestruturações dos processos sociais como também nos modos de os conhecer. A centralidade epistemológica da temática aludida pode ser observada em três níveis: as implicações metodológicas, o impacto na redefinição das relações entre conhecimento e “sujeito cognoscente” e a multiplicidade dos estudos específicos que suscitou.

As formas sociais de dominação, a presença de regimes e políticas corporais que acompanharam a hegemonia neoliberal, a presença cada vez mais pronunciada da estetização da corporalidade (e da política) e as múltiplas lutas por reconhecimento das diferenças e contra a discriminação puseram os estudos sobre o corpo em primeiro plano das ciências sociais. Neste contexto, a via privilegiada de conexão entre estruturação social e ciências sociais configura o fato de entender que o corpo *é o locus da conflitividade e da ordem*. É o lugar da conflitividade por onde passa boa parte das lógicas dos antagonismos contemporâneos. É daqui que é possível observar a constituição de uma *economia política da moral*, quer dizer, modos de sensibilidades, práticas e representações que põem em questão a dominação.

Se o corpo é político, isso se deve ao fato de que ele é objeto de investimentos técnicos. Já em 1935, Marcel Mauss publica no *Journal de Psychologie* (v.32) o ensaio “As técnicas do corpo”. Seu foco de interesse seria a aquisição de um *habitus* corporal, técnico, e seu significado social. “Assim, durante muitos anos tive a noção da natureza social do ‘habitus’. Observem que digo em bom latim, compreendido em França, ‘habitus’. [...] Ela não designa os hábitos metafísicos, a ‘memória’ misteriosa, tema de volumosas ou curtas e famosas teses. Esses ‘hábitos’ variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios” (MAUSS, 2003, p. 404).

De fato, muito deve a sociologia do corpo ao pensamento francês. Consideremos, por exemplo, a fenomenologia que nos propõe Merleau-Ponty, seu postulado epistemológico, ontológico, ético e político de que não temos um corpo; de que somos um corpo. ‘Desabrochamos’ para o mundo de forma corpórea; e esse gesto nos determina a própria possibilidade de perceber o mundo. Se seguirmos o raciocínio fundamental da *Fenomenologia da Percepção*, descobriremos que esse nascer para o mundo, esse mover-se em direção ao mundo, é também técnico. Desde que nos habituemos a ele, que o integremos automaticamente aos nossos movimentos, um chapéu, um carro, passam a fazer parte da unidade de nosso corpo. A pergunta que a partir de Merleau-Ponty passamos a nos fazer é: que tipo de abertura para o mundo nossos envolvimentos técnicos nos possibilitam? Consideremos também as contribuições de Foucault e Bourdieu, ambos interessados num corpo político, cada um a seu modo; ambos contribuindo de forma substantiva para conferir relevância a esse tema que ganha visibilidade bastante particular a partir da segunda metade do século XX.

Em que contexto histórico, cultural, uma atenção particular, ou seja, uma atenção de caráter sociológico, antropológico, político, com respeito ao corpo pode ser entendido? Em *Hominescências*, Michel Serres nos fala de uma revolução tecnológica, uma revolução na medicina, que nos faz considerar nossos corpos como algo mais do que um constrangimento, do que sofrimento, dores insuportáveis, algo mais do que aquele corpo que a filosofia e a religião precisam negar precisamente por ser palco de misérias e padecimentos atroz. Ocorrem-nos os famosos versos de um nonagenário Sófocles falando, pela boca do coro, acerca da condição de Édipo, idoso e exilado em Colono – versos que ecoaram no pensamento ocidental desde então. O pessimismo acerca da vida faz sentido quando pensamos em seu corpo alquebrado pelos rigores da idade, em uma sociedade sem certas comodidades da vida moderna.

Não haver nascido se vantagem
a qualquer outra consideração, e, de haver nascido,
voltar o quanto antes para lá precisamente de onde se veio
é quando muito o segundo melhor[...].

Uma cultura do corpo, por outro lado, pressupõe descobertas como antibióticos, anti-inflamatórios, analgésicos, pílulas anticoncepcionais, que tornem possível pensar e lutar pelo prazer em lugar de negá-lo junto a todo padecimento físico. Esse contexto técnico deve ser associado às lutas pela liberação dos corpos femininos, pela adoção de alternativas sexuais diferentes daquelas ditadas pela heteronormatividade, pelo próprio direito de redefinir e ressignificar esse corpo. No entanto, os corpos desidratados, torturados, famintos, adoecidos, de vastas parcelas da população mundial são produzidos e reproduzidos em meio a essas mesmas possibilidades. Consideremos, por exemplo, o valor da produção global de medicamentos. No ano de 1999, 15% da população mundial que vivia em países ricos consumiam aproximadamente 90% dos medicamentos produzidos no mundo (WHO, 2004). Essas informações nos remetem a uma situação altamente desigual; elas nos indicam que os países pobres testam medicamentos que os países ricos irão consumir.

Em todo caso, a separação entre desejo e reprodução que a pílula anticoncepcional propiciou, ofereceu de fato *momentum* à luta feminista pelo controle do desejo, pelo controle sobre os corpos. E se o feminismo de primeira onda foca bem mais claramente questões relativas à igualdade civil entre homens e mulheres, a própria luta feminista é também uma oportunidade para que pensadoras como Elizabeth Grosz, Judith Butler, Barbara Creed, Anne Fausto-Sterling, Donna Haraway, considerem as diferenças que produzem corpos femininos. Bebendo de vertentes filosóficas sensíveis à diferença e ao tema da politização dos corpos nas sociedades industriais, como o pós-estruturalismo de Foucault, por exemplo, essas feministas passam a contribuir decisivamente para fortalecer o campo que constitui o tema de nosso livro. O corpo feminino assume sua dimensão política, tornando problemático pensá-lo como entidade natural, como substrato anterior à cultura, como algo que nos ancoraria a um real elementar. Quais são as implicações de entendermos, com Michel Foucault, o corpo como lugar em que a política se realiza em última instância? Que ele possa significar a partir de discursos diferentes em contextos culturais diferentes e que, portanto, a ideia de agonismo seja fundamental em sua delimitação histórica.

Dizer, portanto, que o corpo é lugar da política significa dizer que ele é espaço de embates, que a partir dele falaremos não apenas de emancipação, mas também de opressão. Na contemporaneidade, o corpo é aquilo sobre o qual o capitalismo investe estética, libidinal e economicamente. Em sua edição de 8 de setembro de 2010, a revista *Carta Capital* trazia matéria sobre modelos convertidas em *out-doors*, como a paraguaia Larissa Riquelme que tatuou em seu corpo propaganda de uma conhecida marca de desodorante. Perfurado, esquadrinhado, medido, cortado, medicalizado, potencializado, para alguns teóricos, o corpo será finalmente superado como objeto político. E, se para David le Breton (2005), ou Habermas (2000), haveria o que lamentar no fato de tratarmos a concretude biológica do nosso ser como coisa, como objeto, como acessório, para os teóricos do trans-humanismo, a exemplo dos extropianos, deveríamos trabalhar para dar um “adeus ao corpo” o mais rapidamente possível. Sob a forma de delírio ou da pragmática lógica do consumo, mesmo quando constatamos que ele vem se convertendo em coisa manipulada pela técnica, em “vida nua” constante e plenamente mobilizada pelos ditames biopolíticos do capitalismo, de sua promessa de prazer perpétuo, o corpo torna-se tema privilegiado das ciências sociais.

Por isso, é necessário emprendermos esforço para compreender os envoltórios culturais, discursivos, dentro dos quais nossos corpos do sul significam. Isto é o que propomos neste livro. E se acreditamos que essa iniciativa é modesta diante das complexas e infinitas perspectivas de entender a especificidade de *nossa* realidade, ela é também oportuna. Pois é preciso que comecemos a analisar a forma como *nossa* condição histórica, política, cultural, econômica, particular, nos é apresentada como concretude corpórea; do mesmo modo, é necessário entender o que a imanência desta concretude pode significar. Urge que pensemos, em todo caso, o que chamaríamos aqui de “nosso” no contexto desse horizonte fenomenológico mais íntimo e primordial.

O presente livro inscreve-se dentro de uma tendência política ampla que aponta no sentido da integração econômica, cultural e científica Sul-Sul. Mais especificamente, trata-se de um projeto de cooperação acadêmica e editorial entre o Programa de Estudos sobre Acción Colectiva y Conflicto Social, Grupo de Estudios Sociales sobre Cuerpos y Emociones

do Instituto de Investigaciones Gino Germani da Universidade de Buenos Aires, e o Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, através do grupo de pesquisa Ciência, Tecnologia e Sociedade. De um ponto de vista amplo, entendemos essa iniciativa no contexto de um conjunto amplo de iniciativas de integração regional entre as quais podemos listar a proposta de uma Universidade Federal de Integração Latino-americana (UNILA) e, mais proximamente, a realização do XVIII encontro da Associação Latino-americana de Sociologia, na cidade do Recife, em 2011. Trata-se aqui, pois, de propor uma reflexão ampla e variada no campo da sociologia do corpo que seja, de algum modo, representativa de nossa diversidade cultural.

Assim, em “UN ANÁLISIS SOCIOLÓGICO DE PRÁCTICAS DISCRIMINATORIAS HACIA LAS PERSONAS CON DISCAPACIDAD A PARTIR DE LAS CATEGORÍAS DE LO NORMAL Y LO PATOLÓGICO”, Carolina Ferrante trata do “asco e da pena como emoções estruturantes da percepção social da incapacidade nas sociedades contemporâneas. A partir das análises de Foucault e Canguilhem em torno do *normal e do patológico*, iluminados à luz dos aportes de uma sociologia dos corpos e emoções, intenta dotar de significação tais fatos, reduzidos pelo chamado senso comum à falta de educação ou à mera irracionalidade”. Seu objetivo último é refletir acerca da ‘incapacidade física’ “como relação de dominação, propondo um enquadramento teórico que amplie e complexifique as miradas tradicionais” sobre este assunto.

A partir de investigação empírica realizada em 2009 nas cidades de João Pessoa, Recife, Belém, São Paulo, Curitiba e Brasília, Mauro Koury busca compreender a ideia de sujeira corporal através do imaginário urbano brasileiro. Em "REGRAS E CÓDIGOS DE CONDUTA MORAL E ÉTICA: Um passeio pelo imaginário urbano e pelas vivências, reflexões e comparações sobre a noção de sujo de homens comuns de classe média no Brasil Urbano do século XXI", Koury propõe "analisar o país em termos de sua cultura política e do seu sistema de classificação social, dos medos e receios, do comportamento e dos costumes dos informantes". O texto nos proporciona "um passeio pelas vivências, ansiedades, reflexões e comparações emitidas e traçadas pelos entrevistados", traçando, enfim,

"um panorama sobre como pensa o habitante urbano das grandes cidades e metrópoles brasileiras sobre o conceito de sujeira".

Em "NOTAS ACERCA DO ESTATUTO DA PELE CORROMPIDA", Roberta Melo se debruça sobre cirurgias cosméticas mal sucedidas e se pergunta como esse malogro é simbolizado. Fantasmas de descontrole, desordem e impureza, ostentando cicatrizes, hematomas, necroses, esses corpos circulam como lugar da confusão entre morto e vivo, artifício e natureza. Sua degenerescência remete a algo sobre o qual se perdeu o controle, constituindo uma ameaça ao olhar civilizado, precisamente na medida em que "representa a natureza deslocada e os arranjos culturais desestabilizados pelo descontrole da organização biológica do corpo".

Em "NEGRO DE MIERDA, GEOMETRÍAS CORPORALES Y SITUACIÓN COLONIAL", Adrián Scribano e María Belén Espoz refletem acerca das estruturas experienciais e políticas dos corpos que permitem compreender o sentido da negritude nas sensibilidades sociais argentinas. Neste sentido, interessa também "dar conta das características do cenário geral (a cidade colonial) que o "negro de mierda" condensa, a expropriação e desposseção material ancoradas em políticas corporais..." e "da trama corporal de uma cidade colonial onde corpo-classe-espço estruturam-se mediante um cromatismo sociovivencial que regula as geometrias corporais na situação colonial".

Juan Pablo Aranguren Romero analisa as formas retóricas sob as quais o corpo surge na publicidade contemporânea. Considerando criticamente os modelos clássicos de beleza, os sofrimentos pressupostos em processos de embelezamento por meio de cirurgias plásticas, seu ensaio constitui uma reflexão sobre o modo como as campanhas publicitárias realizam-se na contemporaneidade – "um giro teórico que incorpora um discurso acerca do cuidado de si e uma política das emoções". No artigo "EL CUERPO SUFRIENTE DEL MERCADO: "Sweat the Fat"", ele sustenta a necessidade de problematizar tanto este "giro teórico" como uma guinada das ciências sociais em direção ao corpo.

Maria Ester Lima Oliveira propõe em "ASCETISMO E CULTURA CORPORAL" analisar os aspectos ascéticos da cultura corporal contemporânea. Levando em conta o contexto secular em que

tal ascese é realizado, a autora adota o conceito de *bioascese* proposto por Francisco Ortega como forma de compreender a disciplina, a valorização do sofrimento que se depreendem da cultura corporal produzida em academias de ginástica do Recife. Este trabalho visa ainda a contribuir para verificar a aplicabilidade do conceito de Ortega, procurando perceber seus limites.

O ensaio “LAS REPRESENTACIONES ACERCA DEL CUERPO”, de Graciela Magallanes, descreve as representações acerca do corpo que são desenvolvidas por estudantes de ciências sociais. Sua “estrutura argumentativa está organizada do seguinte modo: em primeiro lugar, realiza-se uma análise teórica das representações sociais e suas zonas problemáticas. Em seguida, analisam-se as representações dos regimes, da sensualidade e do porte corporais, além da aparência física. Finalmente, algumas conclusões são estabelecidas sobre a representação do corpo na instituição universitária”.

Micheline Dayse Gomes Batista busca realizar uma reflexão sobre as novas configurações que o corpo humano assume no ciberespaço e que questões esse fenômeno traz para pensarmos as identidades dos sujeitos no mundo contemporâneo. Em “O SECOND LIFE E A VIVÊNCIA DO “SEGUNDO CORPO””, a autora verifica que o jogo oferece a oportunidade de realizar a fantasia de plena customização de nossos corpos, no ritmo e ao sabor dos nossos desejos; e que esses desejos podem reproduzir padrões de beleza dominantes, mas que também podemos questioná-los. Tendo como limite virtual a imaginação e a fantasia, a sensação de controle absoluto proporcionada pela transformação corporal vivenciada no *Second Life*, o rompimento dos limites do corpo biológico mostra-se, no entanto, apenas ilusória.

Em “TREINAMENTO DE TÁTICAS COLETIVAS E DISCIPLINAMENTO DOS CORPOS NAS CATEGORIAS DE BASE DO FUTEBOL: uma Análise das Práticas Sociais de Aquisição de Técnicas Futebolísticas”, Jorge Ventura, Túlio Velho Barreto e Glauber Lemos desafiam a crença popular de que o jogador de futebol tem um dom natural para este esporte. Em lugar dessa crença, os autores propõem que esse tipo de capacidade “é resultado de práticas sociais que visam ao disciplinamento e disposição dos corpos dos jovens atletas, aspirantes a

jogadores de futebol”. Para defender essa tese, estudam um repertório variado “de técnicas e táticas utilizadas por treinadores de futebol para conformar os corpos dos atletas aos ditames do jogo coletivo. Na base do “jogo bonito”, [...] do dom concedido por Deus, estão o treinamento e disciplinamento de corpos através de práticas sociais coletivas amplamente conhecidas e utilizadas por profissionais deste esporte”.

A partir de dados empíricos de uma pesquisa realizada entre os anos 2008 e 2009 na Região Metropolitana do Recife, Jonatas Ferreira e Erliane Miranda analisam a relação entre o consumo de psicofármacos (antidepressivos e ansiolíticos, especificamente) e a reflexividade exercida pelos sujeitos-consumidores destes tipos de medicamento. Indagando acerca do lugar do sofrimento na contemporaneidade, e postulando o que chamam de crise do pensamento trágico no ocidente, isto é, o fim da ideia de aprendizado pela dor, de uma experiência transformadora da própria finitude humana, a medicalização do sofrimento é apontada como radicalização do niilismo no ocidente. De acordo com o argumento central de “CONSUMO DE PSICOFÁRMACOS: entre o cuidado consigo e a sintetização da catarse”, esse é, no limite, a essência cultural daquilo que se poderia chamar, tomando de empréstimo o conceito de Giddens e Beck, de reflexividade no consumo de medicamentos psicoativos.

Victoria D’hers nos traz uma reflexão acerca da gestão dos lixões a céu aberto na cidade e na província de Buenos Aires. Em “BASURALES Y DISCRIMINACIÓN. Cuerpos y justicia ambiental”, ela revisa esta problemática a partir da perspectiva dos estudos sociais dos corpos e das emoções, afirmando a existência de espaços urbanos onde se realiza uma violência dupla: que ali residam seres humanos confundidos com o lixo, e que estes possam encarar tal experiência como “melhoras em suas trajetórias de vida”. A análise de tal situação, considera a autora, “pode dar pista para a compreensão dos fenômenos de racismo e discriminação ambiental, assim como suas estreitas conexões com uma dinâmica na qual a suportabilidade social é produzida”.

Em “TRAMAS CORPORALES, PERCEPCIONES Y EMOCIONES EN LAS MUJERES RECUPERADORAS DE RESIDUOS DE CÓRDOBA (Argentina)”, Gabriela del Valle Vergara propõe analisar as experiências de mulheres catadoras de resíduos em

Córdoba e San Francisco a partir do enfoque da sociologia dos corpos e das emoções. “Tomando como base um conjunto de entrevistas realizadas durante o ano de 2008, postula a articulação das noções de tramas corporais, percepções e emoções que mostram como vivem e sentem cotidianamente a experiência deste tipo particular de trabalho extradoméstico. Para tal, apresentam-se três sessões nas quais se desenvolvem os conceitos principais e expressões das mulheres catadoras. Finalmente, afirma-se que a articulação conceitual proposta constitui uma ferramenta válida para os estudos das mulheres e do trabalho”.

Para Cynthia Lins Hamlin, a obra de Judith Butler representa o ápice de um movimento a que poderíamos chamar de colonização do sexo pelo gênero. Analisando criticamente a obra de Butler, Hamlin propõe em “CORPOS-TEXTO: a Colonização do Sexo pelo Gênero na obra de Judith Butler” que “ao enfatizar o caráter socialmente construído não apenas do gênero, mas também do sexo, a natureza é totalmente subsumida na cultura e os corpos são tratados como epifenômenos, como meras superfícies textuais nas quais o discurso imprimiu sua marca”. Com base em uma ontologia realista, a autora argumenta que “embora o discurso tenha um impacto causal na constituição dos sujeitos, inclusive em seus corpos, este impacto é tanto possibilitado quanto restringido por uma dimensão material e, em larga medida, extradiscursiva. Ao minimizar a importância dessa dimensão, um movimento reconstrutivo central às nossas práticas culturais e políticas torna-se impossível, reduzindo seu papel à crítica dos significados socialmente instituídos”.

Finalizando este volume, com o artigo “LA TAUTOLOGÍA DEL SOLIDARISMO EN EL BICENTENARIO: “Argentina abraza a Argentina””, María Eugenia Boito “retoma reflexões prévias sobre solidarismo e pretende debater sobre a “revolução solidária””. Sua estratégia interpretativa inscreve-se fora do discurso da solidariedade, “instância a partir da qual é possível questionar a doxa que remete à apoliticidade da solidariedade, como fantasia social que gera práticas que se instituem repudiando o antagonismo de classe constituinte da formação social contemporânea”. “Para alcançar tal objetivo, em primeiro lugar, realizam-se considerações teóricas sobre a operatória do solidarismo na regulação da suportabilidade/desejabilidade social, retomando a perspectiva de S. Žižek

sobre a ideologia; em segundo lugar, aborda-se a convocatória Argentina abraça Argentina dentro do marco da comemoração do Bicentário, por parte da Red Solidaria, Margarita Barrientos e do ator Ricardo Darín; em terceiro lugar, como conclusão, retoma-se o percurso proposto, com vistas a expor alguns traços da “religião do desamparo neo-colonial” nos termos de A. Scribano, que expressa nas práticas do solidarismo analisadas uma máscara humanitária, adoção do capitalismo como religião-profana da qual ninguém renega ser praticante”.

Jonatas Ferreira e Adrián Scribano

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES (1986). *Obras*. Madrid, Aguilar.
- FREYRE, Gilberto (1999). *Casa-Grande e Senzala*. Rio de Janeiro e São Paulo, Editora Record.
- HABERMAS, Jürgen (2000). *O Futuro da Natureza Humana*. São Paulo, Martins Fontes.
- KAPPLER, Claude (1994). *Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média*. São Paulo, Martins Fontes
- LE BRETON, David (2005). *Adeus ao Corpo*. São Paulo, Papirus Editora.
- MAUSS, Marcel. (2003). *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac-Naify.
- SERRES, Michel (2001). *Hominescências. O começo de uma outra humanidade*. São Paulo, Bertrand - Brasil.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (2004). *The World Medicines Situation*. WHO.